

ARTIGOS

O LABIRINTO SAGRADO DE MÃE ROMANA: TURISMO E LEGADO CULTURAL NO CENTRO BOM JESUS DE NAZARÉ EM NATIVIDADE, TOCANTINS, BRASIL

Eliseu Pereira de Brito¹

Universidade Federal do Tocantins

Rebbergson Andrade Duarte²

Universidade Federal do Tocantins

Robbergson Andrade Duarte³

Universidade Federal do Tocantins

Enviado em 09 dez. 2019 | Aceito em 09 set. 2020

Resumo: Os lugares sagrados são espaços delimitados por indivíduos que lhe conferem significado diferenciado. Mesmo assim, esta característica sagrada não impede que tais espaços sejam apropriados como atrativos turísticos. O Centro Bom Jesus de Nazaré é um exemplo de como esses dois fenômenos estão relacionados. Localizado no Sítio da Jacuba, em Natividade (TO), o espaço é composto por monumentos escultóricos a céu aberto construídos por Mãe Romana a partir de suas visões místicas. Pela singularidade do seu trabalho e obras, o sítio atrai visitantes de forma perene ao longo do ano. Analisamos então a dinâmica neste lugar que é sagrado e turístico ao mesmo tempo, por meio de uma revisão histórica sobre os conceitos de sagrado, turismo e legado cultural; partindo também da percepção de lugares dos sujeitos que nele habitam. A pesquisa, de caráter exploratório foi construída a partir de revisão bibliográfica e de entrevista semiestruturada *in situ* em Natividade. Por meio das entrevistadas, foi possível perceber uma relação ambivalente a respeito da prática turística que ali acontece, em que ela contribui para a valorização do lugar e de seus moradores, ao mesmo tempo em que o turismo pode produzir conflitos devido ao fluxo de pessoas. Este texto se apresenta como uma análise da atividade turística como vetor de valorização deste legado cultural, ao mesmo tempo em que propõe uma análise crítica sobre seus impactos.

Palavras-chave: Turismo; Legado Cultural; Mãe Romana de Natividade; Sagrado.

MOTHER ROMANA'S SACRED LABYRINTH: TOURISM AND CULTURAL HERITAGE IN BOM JESUS DE NAZARÉ CENTER IN NATIVIDADE, TOCANTINS, BRAZIL

Abstract: Sacred places are spaces delimited by certain individuals that give it a differentiated meaning. Even so, this feature does not prevent such spaces from being used as tourist attractions. Bom Jesus de Nazaré Center is an example of how these two phenomena are related. Located on the site of Jacuba, in Natividade (state of Tocantins, Brazil), the space is composed of open air sculptural monuments built by Mãe Romana according to her mystical visions. Due to the unique characteristics of her work and monuments, the site attracts many visitors throughout the year. This article analyzed the dynamics in this place that is sacred and touristic at the same time, through a historical review on the following concepts: sacred, tourism and cultural heritage; and from the perception of the individuals who inhabit it. The research, of an exploratory nature, was built from bibliographic review and semi-structured interview *in situ* in Natividade. Through them, it was possible to perceive an ambivalent relation regarding the tourist practice that happens there, in which it contributes to the valorization of the place and of its inhabitants, at the same time that tourism can produce conflicts due to the flow of people. This work is presented as

1. Doutor em Geografia; professor do curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins; <https://orcid.org/0000-0002-2788-6636> e-mail: eliseubrito@uft.edu.br

2. Turismólogo; pesquisador sobre patrimônio e turismo da Universidade Federal do Tocantins; <https://orcid.org/0000-0002-5401-1181> e-mail: rebbergson@gmail.com

3. Turismólogo; pesquisador sobre patrimônio da Universidade Federal do Tocantins; <https://orcid.org/0000-0002-5970-7612> E-mail: anhikre@gmail.com



an initial step in the analysis of tourism activity as a vector for valuing this heritage, while proposing a critical analysis of its impacts.

Keywords: Tourism; Cultural Legacy; Romana Mother of Natividade; Sacred.

EL LABERINTO SAGRADO DE LA MADRE ROMANA: TURISMO Y PATRIMONIO CULTURAL EN EL CENTRO BOM JESUS DE NAZARÉ EN NATIVIDADE, TOCANTINS, BRASIL

Resumen: Los lugares sagrados son espacios delimitados por un grupo de individuos que les otorgan un sentido distinguido. Aun así, esta característica no impide que se conviertan también en atractivos turísticos. El Centro Bom Jesus de Nazaré es un ejemplo de cómo estos dos fenómenos están relacionados. Ubicado en el sitio Jacuba, en Natividade (estado de Tocantins, Brasil), este espacio se caracteriza por monumentos escultóricos al aire libre, construidos por Madre Romana, desde sus visiones místicas. Debido a su singularidad, este sitio atrae a muchos visitantes a lo largo del año. Este artículo analiza la dinámica de este lugar, a la vez sagrado y turístico, a través de una revisión histórica de los siguientes conceptos: sagrado, turismo y legado cultural; tomando en consideración la percepción de los sujetos que lo habitan. Esta investigación, de carácter cualitativo, se constituyó a partir de un trabajo de revisión bibliográfica y una entrevista semiestructurada in situ. A partir de estos procedimientos, se pudo percibir una relación ambivalente acerca de la práctica turística que allí se desarrolla, que contribuye a la valorización del lugar y a sus habitantes, al mismo tiempo que promueve inestabilidades. Este trabajo se presenta como un paso inicial en el análisis de la actividad turística como una vía de valorización de este patrimonio, al mismo tiempo que propone un análisis crítico acerca de sus respectivos impactos.

Palabras Clave: Turismo; Legado cultural; Madre Romana de la Natividade; Sagrado.



Introdução

O turismo, como atividade econômica e social, vem se expandindo nas últimas décadas e acaba se manifestando em diversos segmentos. Dentre estes, o segmento religioso é um dos que mais crescem, e o místico-esotérico inclui-se dentro dele (PEREIRA *et al.*, 2008). Definido de maneira sucinta como toda viagem que tenha como motivação principal as questões espirituais, agregadas ao fator econômico, esse tipo de turismo está muitas vezes ligado ao que podemos chamar de “lugares sagrados”, locais onde peregrinos e fieis recorrem para vivenciarem uma experiência interior genuína. Tais lugares fazem parte do patrimônio material e imaterial de um povo, visto que representam a memória e as características materiais particulares do local onde se inserem.

O lugar sagrado é palco de manifestações populares que formam, por outro lado, o chamado patrimônio intangível. Preservá-los - o que significa não só conservar estes locais e práticas, mas acima de tudo inseri-los à dinâmica social e econômica local - é uma tarefa de suma importância, e o turismo surge como aporte.

O legado cultural⁴ mantém relação direta e interdependente com o turismo. Ademais, é uma das principais variáveis quando se tenta definir as motivações do turista na escolha de um destino. Se é verdade que o turismo recorre ao legado cultural como atrativo a ser ofertado, é igualmente correto afirmar uma relação inversa, em que o legado cultural se vale do turismo como uma ferramenta para atrair subsídios e interesses em estratégias de preservação.

No presente estudo são abordados, sobretudo, estes dois conceitos: legado cultural e turismo. Neste último caso o enfoque é dado no segmento “turismo místico”. O objetivo é descrever a construção histórica desses conceitos no Brasil e depois analisar como eles se manifestam no

4. Ao longo do trabalho damos preferência ao termo “legado cultural” em detrimento de “patrimônio cultural”, seguindo a definição de Barretto (2000). Mais à frente, no capítulo “Sacralização, Patrimonialização e Turismo - Aspectos Convergentes” abordaremos essa escolha.

principal objeto de estudo do trabalho, a saber, a obra de Mãe Romana, senhora que alega ter visões e receber comandos espirituais que a orientam na construção de monumentos escultóricos a céu aberto, localizados no Centro Bom Jesus de Nazaré, um santuário místico nos arredores da cidade de Natividade, no Estado do Tocantins.

Assim, dividimos este artigo a partir de dois eixos de articulação: a relação entre turismo, legado e sagrado; e a aferição destes conceitos em Mãe Romana de Natividade. Primeiramente, realizamos uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos pertinentes ao tema abordado, entre os quais se destacam: legado cultural (BARRETTO, 2006), lugar sagrado (ROSENDAHL, 1996), misticismo, religiosidade popular, sincretismo (RIBEIRO, 2012), peregrino moderno (COHEN, 1979) e turismo místico-esotérico (PANOSSO NETTO; ANSARAH, 2009). Em seguida, buscamos relacionar esses conceitos na tentativa de verificar a influência que a atividade turística exerce sobre o legado cultural, e vice-versa; assim como o sagrado se manifesta em lugares, artefatos, fazeres e pessoas, traçando um paralelo entre as práticas espirituais e o turismo.

Em um segundo momento, trazemos um breve perfil biográfico e iconográfico de Mãe Romana e de seu santuário, respectivamente; destacando as características próprias em termos de memória oral, práticas mágicas e arquitetura espontânea. Ou seja, toda particularidade que confere ao seu legado poder de atração para os visitantes. Para isto, foram consultados a dissertação de mestrado em Ciência da Arte de autoria de Delfina Renk Reis, intitulada “Dona Romana de Tocantins - Uma fantástica iconografia” (2008), e o livro “Burangaba: gênese e arte de Romana da Natividade” (2015), de Alexandre Acampora.

O estudo se caracteriza por uma pesquisa exploratória, de natureza pura e abordagem qualitativa, tendo como base teórica a revisão bibliográfica. A observação participante direta e a realização de entrevista semiestruturada *in situ* com a entrevistada 01 (2019) (irmã de Mãe Romana) serviram para completar as informações partindo da percepção de um dos moradores a respeito das práticas que ali acontecem, e que podemos denominar de “turísticas”.

O sentido deste trabalho é mais do que captar a atividade turística em sua objetividade, busca compreender a mesma por meio da subjetividade dos agentes do turismo e dos guardiões do centro (em sua maioria membros da família) que habitam no povoado e cuidam do Centro Bom Jesus de Nazaré. Pois muitas vezes atrativos não são de domínio público, pertencem a indivíduos em propriedades particulares, o que acaba por gerar atritos entre o interesse por consumir o espaço pelos turistas e a necessidade de privacidade dos habitantes do lugar. No caso do sítio da Mãe Romana a questão vai ainda mais além, sua propriedade é sua criação, um simulacro do Cosmos onde projeta toda uma visão de mundo e filosofia de vida. É uma extensão de si mesma.

Na esfera coletiva, a pesquisa se justifica pela importância cultural que Mãe Romana e seu legado representam para o estado do Tocantins, visto seu caráter singular, capaz de atrair turistas de todo o país e até do mundo interessados na sua produção artística como fonte de contemplação, inspiração ou pesquisa científica, mais, sobretudo aqueles que vão em busca de seu serviço espiritual

Pensar no legado cultural é almejar a continuidade e fortalecimento da identidade de um povo, e o turismo, para além da visão comum de mera atividade predatória pode se converter, através de uma atitude crítica diante de seus princípios, em um excelente incentivo à preservação dos bens culturais comuns.

Sacralização, patrimonialização e turismo – aspectos convergentes

O turismo, como fenômeno cultural, mantém estreita relação com outras manifestações humanas. A espiritualidade, presente desde os mais remotos vestígios do homem na Terra - e

expressa tanto nos sistemas religiosos formais como na busca individual, está relacionada à origem da atividade turística, como discorreremos mais adiante.

É impossível compreender plenamente as atividades espirituais sem vinculá-las antes a um conceito chave: o do “sagrado”. Com origem no latim, *sacer*, significa literalmente “aquilo que não pode ser tocado, sem ser manchado ou se manchar” (FARIA, 1992). É tudo que merece respeito e veneração, pois evoca o mistério primordial, destacando-se em qualidade e substância da vida comum. O termo é usado para se referir a lugares, pessoas, datas e objetos.

O sagrado tem o sentido de separação, e só pode ser definido a partir da percepção do que é profano: aquilo que está nitidamente apartado do que é santo, divino. Em outras palavras, o sagrado simboliza a imagem do Cosmos, o mundo em ordem; e o profano remete ao conceito de Caos, o mundo em desordem (ROSENDAHL, 1996). A etimologia da palavra *profanus* está vinculada a ideia de lugar, de um espaço repleto de valor, significando literalmente aquilo que ficou “diante do templo” (SIGNIER; THOMAZO, 2008). É o aspecto banal e corriqueiro da realidade percebida pelo sujeito religioso como vinculado à vida cotidiana, não agregando em si valores importantes para esses indivíduos. A significação especial que se dá a certos espaços e objetos e o ato de conservá-los mantém similaridades com o atual conceito de “patrimonialização”. Entende-se por patrimonialização uma ação que “tem como finalidade fomentar o desenvolvimento através da valorização, revitalização de uma determinada cultura e do

seu patrimônio cultural.” (SILVA, 2011). Em outras palavras é, segundo Cruz (2012), a institucionalização de mecanismos de proteção desses patrimônios.

Mas, para Barretto (2006), o termo “patrimônio”, mesmo que possuindo atualmente um sentido amplo, que engloba tanto o material e o imaterial possui um forte apelo ao primeiro desses aspectos; enquanto o termo “legado cultural” comporta o patrimônio tangível, intangível e vivo, o que melhor condiz com a obra de Mãe Romana. Preferimos, portanto, adotar esse termo no texto.

É sob esta ótica, a do sagrado/religioso presente nas práticas e hábitos humanos, sobretudo no turismo, que orientamos nossa pesquisa. Neste item relacionamos, através de revisão bibliográfica, os fenômenos “legado cultural” e “turismo” sob a perspectiva do sagrado e do profano.

A relação ambivalente entre turismo e legado cultural

Patrimônio e Turismo são, segundo Camargo (2004), invenções do século XVIII, característicos das sociedades industriais. Atrativos turísticos e bens patrimoniais são construídos socialmente, pois os espaços e os objetos existem numa dimensão e para uma finalidade dada, e são recriados simbolicamente para outras destinações e usos. As relações entre estes dois fenômenos se definem historicamente em função do valor econômico dos monumentos. Todavia, no final do século XVIII não se estabeleceu nenhuma legislação e nem políticas consistentes, de forma a classificar, preservar e restaurar sistematicamente os “monumentos históricos” (como eram chamados os bens patrimoniais até meados do século XX).

Fato curioso é que no Brasil a relação patrimônio — memória é posterior à relação patrimônio — turismo (FUNARI; PINSKY, 2001). Ou seja, o patrimônio foi visto, primeiramente, como estando a serviço das práticas comerciais, para só depois ser entendido como a memória do povo em si. Em 1937 foi criado no Brasil o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o intuito de preservar bens de natureza material e imaterial, que portem uma referência à identidade brasileira (BRASIL, 2014). A Carta de Quito, documento criado pela Organização dos Estados Americanos (OEA) em 1967 e assinada por diversos países, incluindo o Brasil, recomendava que os projetos de valorização do patrimônio fossem realizados junto ao equipamento turístico das regiões envolvidas.

Em 1975 o Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas visava, em simultâneo, os cuidados com as edificações históricas e o aproveitamento destas pelo turismo, criando linhas de crédito para isto (RODRIGUES, 2011).

Para Barreto (2006), o turismo reduz os povos e sua cultura a objetos de consumo e isso produz desequilíbrio na sociedade receptora. Essa visão é compartilhada por grande parte dos estudiosos do turismo, que veem nesta atividade aspectos predominantemente negativos por trás de um pretense desenvolvimento. Entretanto, são inúmeros os exemplos que podem ser citados de locais e práticas históricas que só tiveram a sua revitalização garantida graças ao turismo. Podem ser citados aqui o Pelourinho em Salvador (BA), o píer de Chicago, Puerto Madero em Buenos Aires. (BARRETTO, 2006)

Barreto (2000) questiona: o que seriam das cidades históricas de Minas Gerais ou das rendeiras de Florianópolis se não fosse a utilização deles pelo turismo? E continua: há alguma manifestação humana atualmente que não se transforme em bem de consumo? E essa transformação não é preferível ao lento processo de destruição dos bens, seja pela especulação imobiliária, “modernização”, ou pela globalização que iguala todos os espaços? No Brasil o tratamento que se dá ao patrimônio acaba oscilando, como nos lembra Rodrigues (2011), entre torna-lo um cenário teatralizado ou um cenário mal conservado.

Porém, “A turistificação dos espaços urbanos e naturais ocasiona mudanças na dinâmica das populações tradicionais; substitui-se o caráter de afetividade e de significação inerentes ao patrimônio pela sua vinculação a um bem de consumo [...]” (DINIZ CARVALHO, 2009, p. 27). É necessária uma visão mais ampla e minuciosa, levando-se em conta as diferentes formas de turismo e a vulnerabilidade sócio-ambiental de cada lugar, exercendo maior ou menor impacto conforme suas características inerentes, e o perfil dos turistas.

Preservar, mantendo-o intacto, ou reaproveitá-lo turisticamente? Eis o dilema que envolve o legado cultural, e que continua a despertar discussões ao longo das décadas, mostrando-se, talvez, irresoluto. Não há uma saída clara, mas se faz necessário um “diálogo cordial” entre as partes, mantendo sempre em vista o equilíbrio entre os impactos positivos e negativos dessa relação. O centro histórico de Natividade foi tombado como patrimônio em 1987, mas o sítio Bom Jesus de Nazaré, distante 5km, ainda não foi tombado, em 2021. Os turistas que ali visitam têm interesse múltiplo sobre as obras, desde artístico, religioso, científico, como demonstrado ao longo do artigo.

E é essa relação dialética que buscamos analisar no Centro Bom Jesus de Nazaré, em que práticas tradicionais se unem a monumentos escultóricos e arquitetônicos (ou seja, bens culturais de toda espécie) para juntos despertarem o interesse turístico. Como a atividade turística afeta as práticas e vivências dos moradores do sítio? E como os residentes percebem essa relação?

Mãe romana e seu santuário místico

Para entendermos melhor a relação entre os visitantes e os sujeitos que habitam o Sítio da Jacuba em Natividade - Tocantins, foi feita uma pesquisa de campo no dia 20 de fevereiro de 2019, onde a entrevistada 01(2019), irmã de Romana, foi entrevistada. A princípio, a intenção era conduzirmos uma entrevista diretamente com Mãe Romana e sua irmã, mas como Romana (79 anos) se encontrava debilitada na data deste campo, optamos por realiza-la apenas com a entrevistada 01(2019). No segundo campo realizado em agosto de 2019 entrevistamos a Romana. Porém, antes de abordarmos especificamente a figura de Mãe Romana e sua produção, vamos apresentar o contexto espacial em que ela se insere.

Natividade: terra de peregrinos tradicionais e modernos

Natividade foi o primeiro arraial do ciclo do ouro no norte de Goiás, fundado em 1734 (BRITO, 2016). Tornou-se o centro principal do movimento de separação do norte de Goiás e o patrimônio histórico mais preservado do Tocantins. Com sua típica arquitetura colonial de ruelas de blocos de rochas e coloridas casas contíguas, contornadas por serras cobertas pela neblina, Natividade forma um cenário verdadeiramente onírico, com sua peculiar vegetação do Cerrado do sudeste do Tocantins. A tão referida “aura mística” que muitos que por ali passam relatam é sentida de imediato. Acampora (2015, p. 95) ratifica essa percepção primeira, quando fala que “há um quê de mistério e encantamento em tudo” ali. A cidade comporta dezenas de rezadores e curandeiros; é repleta de narrativas orais, de causos e lendas.

Distante 218 quilômetros da capital do estado, Palmas; segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), sua população estimada em 2020 era de 9.250 habitantes. Fundado em 01 de junho de 1734 por Antônio Ferraz de Araújo, o Arraial de São Luiz, como era então chamado, foi construído por cerca de quarenta mil africanos escravizados trazidos ao local por “desbravadores” portugueses. Apenas em 1770 o Arraial passou a se chamar Natividade, graças à devoção dos moradores a Nossa Senhora de Natividade. Em 26 de agosto de 1833 foi concedido o título de vila, e em 01 de junho de 1891 passou a ser cidade. (ACAMPORA, 2015, BRITO, 2016)

Tendo a presença de indígenas ali já estabelecidos e de africanos, escravizados ou foragidos, a cidade ainda recebeu um número considerável de famílias da Europa. Acampora (2015) fala ainda numa possível, mas não confirmada presença de franceses. Curioso é o fato de que alguns africanos, fugindo da escravidão nas fazendas da Bahia, podem ter chegado à região antes mesmo da ocupação pelos europeus.

As características históricas e culturais são aquilo que Natividade tem de mais marcante. Em 1987 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) tombou a cidade (PRISCO, s/d), e já no século XXI, o mesmo instituto, através do *Programa Monumenta*, da Caixa Econômica Federal, aplicou cerca de 20 milhões de reais na restauração do centro histórico (ACAMPORA, 2015).

Além das características históricas materiais, o que caracteriza bem Natividade são suas festividades seculares e religiosas. A Romaria de Nosso Senhor do Bonfim (SOUSA et al, 2018) e a Festa do Divino Espírito Santo são os principais eventos religiosos da cidade. No período da Romaria, aliás, o Santuário do Bonfim em Natividade praticamente se transforma em uma Hierópolis ou cidade-santuário, conforme definição de Rosendahl (1996).

Os moradores rurais de Natividade, que muitas vezes vivem distantes da área urbana, são em sua maioria empregados de fazendeiros e raramente vêm até a cidade; em geral apenas nos períodos festivos (ACAMPORA, 2015). Pode-se dizer que os próprios nativitanos também acabam assumindo o papel de visitantes temporários.

Aliás, o turismo em Natividade é, segundo Prisco (s/d), predominantemente de caráter histórico-cultural, ecoturístico, de aventura e religioso. A cidade está situada em um ponto estratégico entre o Jalapão e o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Ambas as regiões possuem um apelo turístico no sentido de destinos ecológicos e de aventura. Há inclusive um itinerário já estabelecido conhecido como “Jalapada”: um roteiro que engloba estes dois destinos devido à proximidade geográfica e pelas belezas naturais em comum, como cachoeiras e trilhas. Natividade está no interstício entre essas duas importantes regiões. Existem roteiros ecoturísticos pelas Serras Gerais do Tocantins que incluem Natividade, que tem principalmente características ecológicas e históricas.

Apesar de a rota ter caráter ecoturístico, o misticismo é bem presente em ambas as regiões. Natividade possui uma grande concentração de cristais de quartzo no solo, assim como a chapada

dos Veadeiros. Essa característica abre espaço para uma série de crenças relativas ao poder energizante das pedras, como crê tanto Mãe Romana e seus seguidores, como os adeptos de correntes esotéricas estabelecidas em Goiás.

Mello (2004), em seu estudo sobre o milenarismo brasileiro chama a esse fenômeno que vai desde Mato Grosso (Chapada dos Guimarães) até o Tocantins de “mística do planalto”. O Vale do Amanhecer em Brasília, por exemplo, chega a receber 20 mil visitantes por mês (DIAS; SILVEIRA, 2003). As comunidades místicas e esotéricas dessas chapadas criam um interessante diálogo com o Centro Bom Jesus de Nazaré, que facilmente se integraria a essa rota para os peregrinos mais aventureiros.

Navegando por *blogs* e outras páginas na *Internet* onde se relatam expedições pessoais em que Natividade faz parte do itinerário, nota-se que grande parte destes aventureiros cita o sítio místico de Mãe Romana como um ponto de parada, motivados pela curiosidade diante do pitoresco e do inusitado. Em geral, chegam até o Centro pela indicação de moradores locais. Esses aventureiros são em sua maioria jovens que seguem um percurso extenso pelo interior do Brasil, e que possuem maior formação acadêmica e acentuado interesse cultural. O Sítio costuma ser visto como mais um atrativo turístico da cidade e vendido como tal, como poderemos constatar mais adiante na fala da entrevistada 01(2019).

Labirinto de pedras, ideias e culturas: um intrincado cenário

Localizado à 5 quilômetros do centro da cidade de Natividade e de fácil acesso, o santuário da Jacuba é formado por um emaranhado de corredores de pedra rodeado por um extenso muro de tamanho médio (1.7m) que parece servir de fortaleza. O labirinto se inicia com uma bifurcação, uma entrada com duas passagens logo à frente do portal. Os visitantes são previamente aconselhados a entrar pelo lado esquerdo, conforme as conhecidas normas rituais descritas por Mãe Romana. Em seguida, há um corredor composto de muretas de pedra com desenhos e frases que conduzem à porta da casa.

Figura 1 - Fotografias do Centro Bom Jesus de Nazaré. Na esquerda, o portal solar observado da parte interna. No centro, altar eclético. Na direita, corredor do labirinto



Fonte: os autores, 2019

A partir desse ponto já é possível observar a riqueza de sua produção, o sincretismo impregnado em cada peça e a mescla de elementos que a tornam tão fascinante: esculturas de seres mitológicos, uma fonte de cimento, um altar feito de pedras com esculturas de Orixás, pilares que parecem evocar pagodes orientais, espaçonaves de arame, cruzes e antenas. Tudo construído por ela e seus ajudantes.

Vida e obra de Mãe Romana

Mãe Romana nasceu em 22 de fevereiro de 1941 e é filha mais velha de Marcolino Pereira da Silva e Luiza Pereira da Costa. Teve doze filhos, mas apenas metade deles sobreviveram. Foi casada duas vezes, e foi após o seu primeiro casamento, na década de 1970, que começou a ter visões (ACAMPORA, 2015).

Tudo se iniciou com uma forte dor de cabeça sem causa aparente, segundo os médicos. Logo em seguida passou a ouvir vozes, que de início a orientavam para que colhesse ervas e raízes na floresta e preparasse chás, garrafadas e benzeduras para cura. Mãe Romana diz que no início de seus trabalhos a casa onde vivia era lotada de pessoas o tempo inteiro, e que chegou a produzir cerca de 360 garrafadas em um único dia (ROMANA, 2017). Nesta época morava em um sítio na Bizarria, onde trabalhou com serviços domésticos de toda natureza durante os anos 1980. Em 1989 voltou para o Jacuba, sob ordens espirituais. Foi quando começou seus trabalhos escultóricos, erigindo algo de poder simbólico e repleto de elementos culturais diversos. A origem de toda essa criatividade parece não estar restrita apenas às visões que a acometem. As próprias raízes familiares denunciam um ambiente propício à criatividade e ao sincretismo cultural (ACAMPORA, 2015).

Por parte materna é bisneta de índios Akroás⁵, com quem aprendeu o manejo das ervas; pela paterna descende de uma linhagem de africanos sudaneses fugidos da escravidão na Bahia. O pai, aliás, foi criado em uma família tradicional de origem portuguesa, e acabou recebendo educação formal que, somada aos conhecimentos tradicionais, permitiu dotá-lo de um vasto cabedal de técnicas e saberes. Artesão, ferreiro, lavrador, poeta, contador de causos, carpinteiro, chaveiro, entre outros. Chegou mesmo a escrever e ilustrar dois romances que não se sabe o paradeiro, e a construir uma máquina eólica para transposição de água com quarenta metros de altura (a máquina ainda está de pé no Sítio Jacuba). Um verdadeiro polímata do campo, ou como prefere Acampora (2015), um “demiurgo”.

O sítio Jacuba é herança do pai da Mãe Romana para os filhos. Ali vive toda a família, inclusive os irmãos de Romana com seus cônjuges e filhos. Dentro do sítio é onde se encontra o Centro Bom Jesus de Nazaré. O lugar tem em torno de 100 habitantes que moram em sítios distribuídas ao longo da TO-280.

O sítio ainda comporta rituais católicos em que são feitas preces em latim. As influências indígena, africana e europeia, exaustivamente evocadas para definir a composição étnico-racial do Brasil, estão marcadamente presentes em Mãe Romana, e Acampora (2015) em sua obra faz questão de destacar essa característica - a do multiculturalismo - naquela comunidade.

Todos os irmãos de Mãe Romana foram iniciados nas práticas de raizeiros e benzedeiros que ela desenvolveu ou que seus pais os transmitiram. Vale lembrar, que a Mãe Romana afirma que era membro da igreja Batista e que abandonou a igreja por não concordar com algumas práticas. Entrevistada 01 (2019) afirma, ao ser questionada sobre suas faculdades mediúnicas: “Toda a família é médium, todos. Tem os evangélicos que não aceitam. Eles não aceitam, mas fazer o que né? A

5. Índios que habitavam o sudeste do Tocantins no período colonial, mas exterminados pelos colonizadores.

gente veio assim. Todos são médiuns, mas os que viraram evangélicos renegam, como se adiantasse, por que correr de mediunidade é a mesma coisa de você correr da morte”. A própria entrevistada 01(2019) não tem problema em ser definida como bruxa:

Eu já sofri muito, antes eu sofria quando alguém me chamava de feitiçeira, eu tinha uma noção... aí eu comecei a estudar, a me informar melhor. Aí hoje eu sei que têm as bruxas do bem, que você pode benzer, você pode dar um passe, você pode fazer uma energização. Então eu parei com isso, com essa preocupação, com esse desgosto por que tavam me chamando de bruxa. Hoje não me importo não! (ENTREVISTADA 01, 2019).

O sítio Jacuba representa a ordem primordial, o ponto de convergência num futuro mundo caótico, e Mãe Romana tem a função de reestabelecer a ordem perdida. Essa ordem se inicia com o que ela chama de “grampeação” do terreno. Bom Jesus de Nazaré é, para ela, o centro onde se efetuará sua profecia e onde todos se volverão buscando socorro. É o *Umbiculus Mundi*⁶, presente na maioria das tradições religiosas, em que há um centro espacial de convergência de fiéis, (como Meca para o Islamismo, ou Roma para os cristãos católicos) (ELIADE, 2010). Mãe Romana defende que o Sítio da Jacuba será um lugar privilegiado quando se der o realinhamento do eixo da Terra, tornando-se destino de milhares de pessoas. O sítio é demarcado por pontos energizantes, demarcados por Mãe Romana, sob a orientação dos guias.

A nível iconográfico, o local é composto por um conjunto de antenas, pilares, móveis em latão e esculturas em arame, pedra canga, cimento e espelhos, formando uma espécie de jardim labiríntico de singular força expressiva. Há ainda um acervo de manuscritos em linguagem críptica e desenhos cartográficos em cartolina que representam a topografia mágica do sítio com seus pontos energéticos, além de seres mitológicos, naves, palácios e extraterrestres, frutos de seu peculiar sincretismo. Os desenhos, aliás, foram suas primeiras obras (REIS, 2008). Todo um legado cultural de caráter tangível. Um estoque de sementes em sacos e tambores, água em garrafa pet, roupas, brinquedos e remédios caseiros ajuda a compor o complexo construído por Mãe Romana; estoque que começou há quase duas décadas e que irá, segundo ela, servir como suprimento para os que recorrerão ao santuário quando se der a grande catástrofe, que ela chama de “firmamento”, a transcorrer após a colisão de um asteroide com a Terra; fato que realinhará seu eixo deslocado há milhares de anos pelo meteorito que extinguiu os dinossauros. Narrativas orais, sua visão cosmogônica, memórias de família e da comunidade, além de lendas que criam em volta dela⁷; são características não tangíveis, mas únicas, que costumam conferir a este local um poder de atratividade.

Acampora (2015) prefere não classificar a produção de Mãe Romana em termos artísticos. Opta por observar sua obra a partir de concepções interiores sob o viés da mitologia e da psicologia analítica. Já Reis (2008) mergulha em seu próprio campo de estudos e traça comparações com escolas e correntes artísticas diversas: Arte bruta, arquitetura espontânea e expressionismo. Várias são as definições que vão tentar enquadrar a obra de Mãe Romana dentro dos paradigmas da crítica de arte contemporânea, associando-se aos estudos nas áreas de antropologia e mitopoética. Zaluar (2007) compara a sua obra a de outros artistas autodidatas, como Antônio Poteiro e Gabriel Joaquim dos Santos com sua célebre Casa da Flor; personagens populares a quem, junto a Mãe Romana, a

6. Do grego “umbigo do mundo”.

7. Uma das lendas mais conhecidas é a de que Mãe Romana seria a reencarnação de Mãe Ana, africana escravizada, que depois de liberta se tornou dona de vastas terras no entorno de Natividade, contribuindo também para a libertação de muitos escravos. Morreu em 1888, e o local de sua morte se tornou ponto de veneração, mas atualmente encontra-se abandonado (ACAMPORA, 2015).

autora chama de “arquitetos sem diploma”. O sítio inteiro, não só o Centro Bom Jesus, parecem ganhar conotação sagrada. Há um cemitério particular no sítio. Os trabalhos, como são chamados esses rituais ou sessões religiosas diárias, se compõem de ritos e cânticos que não vêm de fora, mas são todos criados lá, recebidos através de intuições ou inspirações (REIS, 2008).

O interesse por suas obras ultrapassou as fronteiras do estado, do país e do âmbito popular; e em 2002, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de São Paulo, realizou-se uma exposição no subsolo em que foram apresentadas fotografias do trabalho e cotidiano de Mãe Romana e reproduções fidedignas de suas esculturas (REIS, 2008). Inclusive, durante a elaboração deste trabalho, Alexandre Acampora ministrou uma palestra em Lisboa sobre Mãe Romana⁸. Representações na mídia parecem colaborar para despertar o interesse pela visita, como veremos mais à frente.

A Preservação do sítio

Como já discorrido anteriormente, o tombamento manifesta-se, de certa forma, como uma espécie de sacralização moderna, secular e ocidental. Uma nova forma de estabelecer quais são os espaços e objetos de valor que devem ser mantidos e admirados, em oposição àqueles que podem ser modificados ou destruídos conforme as necessidades⁹. São nos lugares sagrados, aliás, que usualmente transcorrem as atividades e os ritos. O espaço físico servindo de palco para as manifestações intangíveis da devoção. Em Mãe Romana fica evidente a sacralização de espaços e ritos, mas não há legitimação oficial, contudo, que ampare tanto o seu trabalho material quanto as suas práticas. Há impasses quanto a isso: as esculturas estão em constante estado de mutação. Não são estáticas nem têm forma definitiva (segundo Mãe Romana irão se expandir após a catástrofe):

Talvez por isso as estátuas, em sua maioria, não pareçam inertes: quase todas são dotadas da capacidade de movimento, a notar pelas pombas que decoram as várias partes do quintal. É esperado que, na hora da ‘grande lavagem’, todas elas comecem a voar para os lugares onde forem mais necessárias. (RODRIGUES, 2017, s/p)

Pode-se notar que essas características de mobilidade e transformação constantes tornam o tombamento, nos moldes que se dá na constituição, improvável, podendo representar, inclusive, um ato de desrespeito à sua cosmovisão. Acampora (2015) discorre sobre essa questão da imobilidade das peças e da salvaguarda oficial, ao dizer que os artefatos que ela e seus adeptos produzem:

[...] Não estão à venda, não servem como forma de geração de renda, não podem dali onde foram plantados, serem retirados, já que estão localizados em pontos de circulação energética. Não podem ser tombados ou classificados com características de forma, representatividade, significados e dimensões. Segundo ela, todos estão em processo de transfiguração, são metamórficos. (ACAMPORA, 2015, p. 251)

Reis (2008, p. 6) também destaca essa característica não-comercial de suas peças, quando alega que “sua produção artística não é produzida com o intuito de comercialização, mas como

8. A palestra intitulada “Interculturalidade em Romana de Natividade”, aconteceu na Casa do Brasil de Lisboa, em 20 de fevereiro de 2018.

9. Grande parte dos monumentos tombados ao redor do mundo são considerados sagrados pelos adeptos de uma ou mais religiões. O exemplo mais notório é a Cidade Velha de Jerusalém, tombada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural da Humanidade. Nos limites de suas muralhas encontram-se lugares tidos como sagrados para as três principais religiões monoteístas: o Islamismo, o Judaísmo e o Cristianismo.

imperiosa necessidade interior”. Entrevistada 01 (2019) afirma: “Já falaram de levar pro Rio, pra exposição. Mas ela não tem permissão. Têm muitos desenhos, muitas pinturas que você fica maravilhado”.

Mesmo não havendo estratégias de preservação da estrutura física, já houve a iniciativa de criar um acervo digital que tornava o acesso à obra de Mãe Romana acessível. A ideia foi de Alexandre Acampora, que projetou o site como um complemento visual para o seu livro “Burangaba”. O site que servia como um banco de dados sobre o Jacuba, mantinha 1.200 fotografias em 9 coleções, cobrindo todos os aspectos da pesquisa e da vida da comunidade remanescente de quilombolas do Jacuba. A página, no entanto, se encontra indisponível atualmente. Segundo Acampora (2018) os patrocínios acabaram e o órgão que ficaria responsável por manter o site não cumpriu com a promessa de patrocínio, ficando assim sem recursos, e o site acabou sendo retirado da rede pelo provedor.

Mãe Romana, com sua criação material, práticas rituais e participação em manifestações populares locais como figura de destaque, pode ser considerada um patrimônio vivo do Estado, mas diferente do que acontece em outros estados, ela não recebe nenhum apoio de autoridades do governo ou ONGs que se interessam em preservar sua obra. Sobre o assunto, entrevistada 01(2019) afirma que nunca teve conhecimento a respeito; apenas que duas autoridades governamentais já reconstruíram sua casa e fizeram melhorias, mas que nunca houve propostas no sentido de valorização ou preservação do trabalho artístico e religioso:

Na época que a casa dela caiu ele (o governador do estado) construiu aquele espaço pra ela. Não uma casa do mesmo jeito, mas ele construiu um lugar pra ela dormir, não tinha luz, e ele construiu vários banheiros naquela casa. E um galpão também foi o outro governador (anterior) que deu. Aquela casa em frente ao galpão, na época ele alteou. Então assim, se ONG faz, se ONG vem se interessar, não, acho que não, eles só observam. (ENTREVISTADA 01, 2019)

Apesar da comunidade residente do Sítio Jacuba possuir as características de um quilombo, Mãe Romana demonstra pouco interesse relativo a um possível reconhecimento oficial do sítio como tal (o que já se deu com a maioria das comunidades tradicionais próximas dali), visto que acarretaria, segundo a mesma, numa discriminação maior do que já acontece por parte dos nativitanos (ACAMPORA, 2015).

Usos do espaço para atividades turísticas

Há um fluxo constante de pessoas no sítio, mas Mãe Romana não encara essa situação como uma oportunidade para gerar renda. Questões comerciais, afinal, são completamente ausentes no trabalho de Mãe Romana, que é entendido por ela apenas como uma missão espiritual. Entrevistada 01 (2019) alega que, apesar disso, o trabalho que elas desenvolvem, como qualquer outro, necessita de apoio para se manter. Ela discorre: “[...] Fui pedir orientação aos mentores espirituais pra que esse grupo grande que vem... porque ela vive de doação, então traz um alimento não perecível, um quilo de alimento, um material de limpeza”.

No entanto, alguns guias de turismo locais parecem não levar em conta esse princípio, e se utilizam do sítio como apenas mais um atrativo turístico da cidade que pode ser explorado e gerar lucro. De acordo com Entrevistada 01 (2019):

Criaram agências de turismo aqui em Natividade, só que eles não repassam (dinheiro), por que eles sabem que a Romana não cobra e aí eles não repassam nada. Eles incluem ela no roteiro, mas não repassam nada, eles tão ganhando em cima. Aí eu fui e pedi os mentores dela que eles providenciem pra que não falte nada pra ela.

Entrevistada 01 (2019) afirma ainda ter sido a primeira guia de turismo de Natividade: “Eu sou guia de turismo, fui a primeira guia em Natividade, aí agora com essas agências me botaram pra escanteio. Mas tô com o pessoal das faculdades, continuam vindo aqui, continuam me procurando. Então, acho que não tem diferença.” No entanto, ela não costuma atuar como guia no sítio: “Lá é ela (Romana). Às vezes eu entro quando a gente vê que ela tá muito cansada, eu digo: ‘não nêga, quiser ficar aqui’. Tem uns que vai anotando, outro vai perguntando e eu já vou com os outros mostrar”.

Discorremos então sobre o fluxo de visitantes no sítio da Jacuba, que sempre foi movimentado, mas que ganhou destaque com as várias exposições midiáticas que ocorreram nos últimos anos. Alguns documentários foram lançados (o mais recente é de 2017), reportagens em programas de televisão e páginas na *internet*, e uma personagem de telenovela que foi inspirada em sua figura: Dona Mercedes, interpretada por Fernanda Montenegro em “Do outro lado do paraíso”, de Walcyr Carrasco. Entrevista 01 (2019) relata que o fluxo de pessoas é “grande”, que aumentou bastante com a exposição da mídia, e que às vezes até fica chateada, pois gostaria que houvesse maior controle:

Não é que eu não quero que as pessoas conheça, eu só acho que devia ser um pouco controlado, por que ela já tem 77 anos, passou por duas cirurgias no coração e vários outros problemas. É ela que acompanha, ela mostra. Graças à Deus tem uma senhora aí que quando chega gente ela vai mostrar enquanto a Romana esteja com uma dor.

Ainda com relação ao controle do número de visitantes ao sítio, entrevistada 01 (2019) diz que é inexistente e discorre sobre os motivos:

Não, não! Por que ela não tem orientação espiritual pra que faça isso. Você vai controlar quantas pessoas entram? Ela não pode fazer isso. Agora a linguaruda da história sou eu né? Por que se eu tivesse lá eu falava: vai entrar grupos de dez, né? Mas às vezes chega cinquenta, sessenta e entra duma vez. Então não tá tendo controle aí.

Entrevistada 01(2019), portanto, demonstra preocupação com a questão da capacidade de carga. No passado, era Mãe Romana quem fazia esse controle. Agora, debilitada pela idade e por doenças, já não o faz mais. Contudo, entrevistada 01(2019) pondera sobre esse aumento da procura, quando questionada se a sua percepção é de que seja algo negativo: “Não, eu não acho negativo, por que muitas pessoas estão precisando e vão pra esse lugar, precisando dessa energia, muitas! E a gente só tem mais é que agradecer a Deus por essa oportunidade de tá podendo dar isso que o mundo tanto tá precisando” (ENTREVISTADA 01, 2019).

Ao ser abordada sobre a visita de estrangeiros, entrevistada 01 (2019) afirma o seguinte:

É normal pessoas de outros países virem aqui. Geralmente eles trazem intérprete. E a Romana não tem estudo nenhum, mas ela fala numa linguagem assim que ninguém entende, às vezes vêm pessoas e conversam com ela. A gente tá de fora com o olho arregalado e ela conversando. Depois quando sai eu pergunto: ‘Uai nêga, tu sabe falar isso?’ e ela diz: ‘O quê? Conversei normal’. E eu: ‘Que conversa normal o quê, você falou aí todo embolado’.

Perguntamos como as pessoas tomam conhecimento do trabalho dela, e mais uma vez cita a mídia como um fator de propagação:

Tá na internet, tá na mídia. E outras pessoas veem. Nós somos como mensageiros, as pessoas sentem. Como ela tem médium na Bélgica, ela tem médium na França. Vêm de vários países e ficam aqui com ela. Então assim, eles sentem que eles têm que vir. Então eu acho assim, mal não tá fazendo pra ninguém. Com certeza se as pessoas tão buscando tanto é por que só pode ser do bem né?

Em se tratando do respeito das pessoas para com o espaço e as obras de Mãe Romana, entrevistada 01 (2019) afirma:

Muitos sim (respeitam), outros dizem que é macumbaria, e eu nunca vi fazerem feitiço ali, eu tô ali, eu vou ali desde o começo e... "como é as bruxaria lá?" "Também não sei meu irmão, também tô esperando você ir lá pra fazer". Quando alguém fala isso comigo eu respondo dessa forma. Por que não é obrigado a acreditar no que ela acredita. Por que assim, as pessoas às vezes falam, veem com pouco caso. Uma vez um veio entrando e voltou e disse assim: "eu não entro onde o Diabo mora!". Olhei pra cara dela assim e disse: "que bom que você não entra aqui. Se você acha que o diabo tá aí eu nunca vi ele não. Se eu ver ele lá eu falo com ele e digo que você tá aqui na porta lhe esperando" (risos). É, eu sou grossa.

Entrevistada 02 (2019) se pronunciou sobre o assunto:

Não é obrigado. As pessoas que não acreditam e vão num lugar desse pra falar isso é por que... vai fazer lá o que? Se a pessoa não gosta de um lugar não visita. Se eu não gosto de comer feijão eu não como feijão. Então vai comprar feijão pra quê? Se não quer ver aquilo, então não vai.

Fica evidente em sua fala a coexistência de opiniões alheias diversas sobre o sítio, tanto positivas quanto negativas. Os religiosos mais tradicionais costumam apresentar maior aversão com relação às práticas de Mãe Romana, como a própria entrevistada 01 (2019) alega. No entanto, essa percepção não é compartilhada por todos. A esse respeito, entrevistada 01(2019) mostrou um querubim em isopor que estava esculpindo, e que, segunda ela, fora encomendo por uma igreja evangélica para ser utilizado em encenações. Questionada sobre o preconceito, entrevistada 01 (2019) afirma que é recorrente, mas que por outro lado muitos respeitam. Destaca que seu pai era Batista e mantinha profundo respeito pela obra de Romana:

Mas ele me ensinou a rezar o terço, ele respeitava e ele acompanhava e observava o desenvolvimento do trabalho de Romana. Ele foi batista pro resto da vida, mas quando perguntavam pra ele, quando questionavam ele sobre Romana, ele dizia que ela tinha algo a passar pro mundo, ele não sabia o que era, mas ele sabia que ela tinha esse algo e ele observava e respeitava. Então papai toda a vida foi assim. Eu digo que o meu pai nasceu duzentos anos adiantado.

Demonstra-se, conforme Acampora (2015), o ecletismo – constituinte da formação de Mãe Romana e Felisberta, é presente em toda a Natividade. Mesmo nas expressões religiosas tidas como mais "conservadoras" existe certa receptividade a elementos de outras correntes religiosas por parte das camadas mais populares, contrastando com aquilo que Ribeiro (2012) alega a respeito do contato restrito entre o protestantismo e outras religiosidades minoritárias. Uma senhora nativitana que se diz amiga de Felisberta, a considera uma pessoa que busca "ajudar o próximo", e que, mesmo ela sendo evangélica, já chegou a procurar Felisberta e Mãe Romana em busca de poções que a ajudassem a curar um problema nos joelhos. Segundo entrevistada 01 (2019), até uma caravana de líderes cristãos protestantes chegou a visitar o sítio:

Eles vêm, vêm pastores. Chegou duas vans de pastores um tempo atrás aí no Centro, e entraram e se emocionaram. Não sei o que eles viram, cada um tem sua própria ótica né? Então eles entraram, olharam, se emocionaram. E quando foi saindo, um deles, já bem idoso, chegou no portão e ficou olhando pra trás e disse assim: "Que era maravilhoso a pessoa ter uma missão divina e aceitar". É o que ele disse. Já veio uma clarividente do Japão, onde ela fala de qual plano espiritual vem cada coisa né? Ela passou o dia andando junto, escrevendo. E quando ela saiu ela chorou. O que passou na mente dela a gente não sabe.

Os motivos que levam as pessoas a visitarem o sítio costuma ser bastante variado e a presença de estudantes universitários (no que podemos classificar como “turismo acadêmico”) é comum. Por ser fitoterapeuta, Felisberta ministra aulas de campo com alunos de enfermagem e medicina. Entre os alunos de diferentes cursos universitários é possível perceber um conhecimento considerável sobre Mãe Romana e seu sítio, e até mesmo o desejo de desenvolver ações conjuntas relacionadas ao seu trabalho: alunos do curso de arquitetura da UFT de Palmas fazem periodicamente visitas e se dizem interessados em pôr em prática algum projeto arquitetônico sob orientação de Mãe Romana; os do curso de Letras da UFT de Porto Nacional afirmam que gostariam de desenvolver uma pesquisa ou projeto voltado para a sua linguagem simbólica. O Serviço Social do Comércio (SESC) desenvolve um projeto chamado “Confluências”, que reúne artistas locais independentes para pensar e desenvolver o circuito de arte do Tocantins, e que inclui como obrigatório nas suas atividades com os participantes uma visita ao Sítio da Jacuba¹⁰. Esses acadêmicos costumam passar períodos muito curtos na cidade, sendo possível denomina-los de “turistas do mesmo dia” (PAKMAN, 2014).

Ela segue seu relato, e destaca um fato curioso que aconteceu há vários anos atrás e que ilustra bem uma outra motivação frequente destes visitantes, que é a busca por tratamento de males do corpo e da mente. Segundo ela, um casal que sofria com a esquizofrenia de seu filho resolveu levá-lo ao sítio por intuição de sua mãe, e que após percorrer os corredores do labirinto, seguindo o percurso correto visualizado por Mãe Romana, e sem que ela o orientasse, o jovem relatou se sentir “oco e leve como isopor”. A partir dessa experiência conseguiu se reestabelecer e finalizar seu curso universitário.

O motivo das visitas tem um caráter duplo, semelhante ao que define Dias (2003) ao localizar o motivo das viagens religiosas em dois caminhos: o da obrigação religiosa e as viagens motivadas pela curiosidade intelectual. Entre os fatores que tornam um lugar atrativo do ponto de vista do turismo-místico, além dos lugares considerados sagrados, estão as “pessoas sagradas”, líderes esotéricos que são, por si, elementos de atração e de valorização de localidades¹¹, como bem demonstra o caso de Mãe Romana. Seriam estes indivíduos os candidatos a serem eleitos “patrimônios vivos”.

A partir do diálogo, observamos que a motivação dos visitantes é bastante diversa, variando da simples curiosidade ao interesse científico. Como ela destaca em sua fala, alguns recorrem ao sítio em busca de orientação espiritual, como é o caso dos que buscam formação junto a Mãe Romana. Outros estão interessados na cura de males, como é o caso do casal com seu filho esquizofrênico. Uma outra parcela demonstra interesse científico, na forma de pesquisas (como neste artigo) e para agregar conhecimento tradicional e popular às áreas de formação nas universidades, como o caso dos estudantes de enfermagem. E por fim, o interesse cultural de quem vê na sua obra uma manifestação artística.

Considerações finais e proposições

As atividades turísticas que têm por motivação as questões religiosas estão envoltas pela delicada questão do uso de espaços que vão demandar diferentes sentidos aos diferentes sujeitos que ali se encontram, sejam eles visitantes temporários ou residentes. É o contato entre estes que, por um lado, percebem determinados espaços sob o viés do sagrado e aqueles que, por outro, o

10. Estas informações foram coletadas através de conversas informais que tivemos com alunos e professores da Universidade Federal do Tocantins, campi de Palmas e Porto Nacional, durante a estada nestas cidades.

11. Alguns exemplos são o Sai Baba, na Índia, e Dalai Lama em todo o mundo.

tomam como espaço físico a ser usufruído a partir de outras motivações: prazer, curiosidade, descanso, terapia etc.

Ao analisar a construção histórica da patrimonialização, do turismo e da sacralidade, percebeu-se que o desenvolvimento de cada um dos três interdepende do outro, e em alguns aspectos é difícil desvinculá-los, como é o caso do peregrino que também assume o papel de turista, ou do lugar sagrado que também é atrativo turístico; além do fato de o turismo se tornar, em muitos casos, fator de preservação ou degradação de espaços, monumentos e tradições. Essa degradação ou preservação vai depender do tipo de atividade que é exercida naquele local, da quantidade e do grau de instrução dos visitantes. Além do mais, a eleição oficial de certos espaços e tradições como dignos de conservação vincula-se a interesses políticos e ao valor econômico que estes podem representar, mas que a eleição pelo povo destes mesmos espaços e práticas como legado histórico e cultural independe daquele primeiro reconhecimento, e está mais atrelado ao valor simbólico e afetivo que os indivíduos atribuem a eles.

No caso do Centro Bom Jesus de Nazaré, essa dinâmica ambivalente é observada com precisão a partir do discurso de Felisberta (ENTREVISTADA 01, 2019), que ora vê com bons olhos a demanda crescente de visitantes, por condizer com a função receptora do sítio, em sua missão de atrair pessoas para a mensagem soteriológica que recebem dos guias espirituais; e ora percebe com um olhar mais crítico o fluxo desregrado de visitas, como consequência, muitas vezes, da apropriação do espaço por agências de turismo. Não há o reconhecimento como patrimônio por parte de órgãos oficiais, mas sendo a manutenção feita informalmente pelos próprios moradores (muitos deles ajudantes de Mãe Romana), e a comunidade aceitando aquele local e suas práticas como parte da identidade da região, conclui-se que ele é importante em seu contexto social e pode ser visto como um legítimo patrimônio da cidade de Natividade; assim como Mãe Romana, personagem central deste cenário, apresenta aspectos que a caracterizam como patrimônio vivo.

Este trabalho, por se tratar de uma pesquisa básica, tem caráter inaugural quando se pensa em Mãe Romana e seu legado vinculados à prática do turismo. Foi interessante observar que, ao conversar com pessoas de outras áreas do saber que já tinham conhecimento sobre Mãe Romana e seu sítio, havia certa resistência por parte destes em aceitar que é possível abordar Mãe Romana sob essa perspectiva sem incorrer em desrespeito. A polêmica em relacioná-la com o turismo não é de todo infundada. O receio de que seu legado material e imaterial (que são também seu lar e vivência, infundidos de sentido sagrado) se transforme em mercadoria apoia-se sobre as questões já levantadas a respeito dos impactos negativos do turismo sobre o legado. No entanto, há ali um fluxo de pessoas oriundas de outras cidades, estados e países, e essas pessoas acabam por participar ativamente da dinâmica econômica e social local. E isso, sem dúvidas, é *turismo*. O fenômeno está presente ali, independentemente da opinião que tenhamos a respeito. O ato de observar, analisar e verificar o fenômeno tal como ele é, deve preceder o ato de proteger, e mesmo de intervir comercialmente, gerir e desenvolver.

O diferencial deste trabalho é exatamente este, o olhar sobre Mãe Romana e sua obra sob a ótica da Turismologia, campo praticamente inexplorado. Ignorar esse fenômeno torna a compreensão sobre o que acontece no sítio mais insipiente e abre espaço para um ataque mercadológico desregrado. A partir dessa primeira abordagem abre-se campo para desenvolver no futuro projetos que possam auxiliar na manutenção adequada do Centro Bom Jesus de Nazaré, que já se encontra informalmente inserido em um circuito turístico da região, estando a poucos quilômetros do centro do município e sendo de fácil acesso. A lei do patrimônio imaterial, a exemplo do que ocorre em outros estados da Federação, seria uma boa saída para salvaguardar o legado de Mãe Romana através de apoio financeiro, jurídico e de promoção, delegando em suas mãos a

manutenção do espaço como alternativa ao tombamento, decisão que pode gerar atrito com sua visão pessoal. A capacitação dos guias de turismo locais seria importante para estimular a reflexão ética e a responsabilidade social ao desenvolver atividades econômicas sobre espaços particulares imbuídos de significado afetivo. Entender a subjetividade da construção dos lugares antes mesmo de pensá-los economicamente, é talvez, o principal objetivo neste texto.

Esperamos que o tão esperando “firmamento” que Mãe Romana apregoa, em que pessoas de todas as partes recorrerão ao seu santuário-refúgio em busca de alguma redenção (como de certa forma já ocorre), não seja “profanado” por um turismo massificado que, numa espécie de profecia às avessas, acabe por tornar seu legado palco de uma temível distopia. Sua obra é uma joia incrustada no meio do país: frágil, única e magnífica. Portanto, o cuidado com este lugar, como com qualquer outro espaço carregado de afetividade e significado, é responsabilidade não só de órgãos ou instituições impessoais, mas uma missão coletiva.

Referências

- ACAMPORA, Alexandre. (2015) *Burangaba: Gênese e arte de Romana da Natividade*. Palmas. Editora Vozes.
- ACAMPORA, Alexandre. *Entrevista*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <.....@gmail.com>. em: 15 jun. 2018.
- BARRETO, Margarita. (2000) *Turismo e Legado Cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas (SP): Papyrus.
- BARRETTO, Margarita. (2006) *Turismo e legado cultural: As possibilidades de planejamento*. Campinas, Papyrus.
- BRASIL. (2014) Iphan. Ministério do Turismo (ed.). *O Iphan*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- BRITO, Eliseu Pereira de. (2016) *Itinerários de uma identidade territorial na invenção do ser tocantinense*. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, IESA, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- CAMARGO, Haroldo L. (2004) *Patrimônio e Turismo, uma longa relação: história, discurso e práticas*. Revista lazer e turismo-revista eletrônica COEAE. Unisantos- Universidade católica de Santos. Disponível em <http://www.unisantos.com.br> . Acesso em 27 dez 2017.
- COHEN, Erik. (1979) A phenomenology of tourist types. *Sociology*, vol. 13: p. 179-201. Jerusalem.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. (2012) "Patrimonialização do Patrimônio": Ensaio Sobre a Relação Entre Turismo, "Patrimônio Cultural" e a Produção do Espaço. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, Nº 31, pp. 95 - 104.
- CULTURA AL. *Registro do Patrimônio Vivo*. Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/patrimonio-vivo> . Acesso em 20 dez. 2017.
- DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson J. S. da. (2003) *Turismo Religioso: ensaios e reflexões*. Campinas, Editora Alínea.
- DINIZ CARVALHO, Karoliny. Turismo e preservação do patrimônio cultural na visão dos moradores do bairro da Praia Grande em São Luís (MA). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo* [en linea]. 2009, 3 (1), 25-45 [fecha de Consulta 21 de Marzo de 2021]. ISSN:. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504152242003>
- ELIADE, Mircea. (2010) *O sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes.
- ENTREVISTADA 01. Entrevista concedida a Rerbberson Andrade Duarte por Felisberta. Natividade, 20 fev. 2019.
- FARIA, Ernesto. (1992) *Dicionário latino-português*. 6 ed. 5ª tiragem. Rio de Janeiro. FAE.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PINSKY, Jaime (Orgs.). (2001) *Turismo e patrimônio cultural*. Turismo Contexto, São Paulo, Contexto.
- IBGE. Infográficos: Dados gerais do município 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=171420> . Acesso em: 18 Mar 2021.
- MELLO, G. B. R. (2004) Milenarismo Brasileiro: Novas Gnosés, Ecletismo Religioso e uma Nova Era de Espiritualidade Universal. In: Musumeci, L. (Org.). *Antes do Fim do Mundo: Sete Estudos sobre Milenarismos e Messianismos no Brasil e na Argentina*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 103-118.
- PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. (2009) Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. [S.l: s.n.].

- PAKMAN, Elbio Troccoli. Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à História do Pensamento Turístico. *XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. Universidade do Estado do Ceará. 24 a 26 de set. de 2014.
- PEREIRA, Tatiane Moraes; COSTA, Luciane Cunha da; SANTOS, José Roberto Araújo dos; RIBEIRO, Roberto Pazos. (2008) Turismo religioso: análise e tendências. In: V Seminário da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2008, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte, p. 01-13. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/107.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.
- PRISCO, Luiz. *Revelando Tocantins*. Fundação Assis Chateaubriand. Tocantins, s/d.
- REIS, Delfina Renck. (2008) *Dona Romana de Tocantins: Uma fantástica iconografia*. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro.
- RIBEIRO, Josenilda Oliveira. (2012) *Sincretismo Religioso no Brasil: Uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo*. Recife. Disponível em: <http://estrategistas.com/wp-content/uploads/2013/06/Sincretismo-religioso-no-Brasil-Josenilda-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- RODRIGUES, Marly. (2011) Preservar e Consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: *Turismo e Patrimônio Cultural*. P. 15-24. São Paulo. Contexto.
- RODRIGUES, Ruan Chaves. *Dona Romana: A vidente de Natividade*. Disponível em: <https://www.xapuri.info/gente/perfil/dona-romana-a-vidente-de-natividade/>. Acesso em: 19 dez. 2017.
- ROMANA. (2017) Direção: Helen Lopes. Palmas (TO): Gabiroba Filmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cVptUWtyvns>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- ROSENDAHL, Zeny. (1996) *Espaço e Religião: Uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro, UERJ, NEPEC.
- SILVA, Sandra Siqueira da. A patrimonialização da cultura como forma de desenvolvimento: considerações sobre as teorias do desenvolvimento e o patrimônio cultural. *Aurora*, Marília/sp, v. 5, n. 7, p. 106-113, jan. 2011. Quadrimestral. Disponível em: <https://www2.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/1248>. Acesso em: 02 fev. 2019.
- SIGNIER, Jean-François; THOMAZO, Renaud. (2008) *Sociedades secretas*. Vol. II: Sociedades secretas iniciáticas e criminosas. Larousse. São Paulo.
- SOUSA, Sarayane Marques Ferraz de; SILVA, Kárita. K. C.; MOREIRA, Adriana S. Karajá.; KARAJÁ, Glauco; BRITO, Eliseu Pereira de. Trajetória do romeiro na peregrinação rumo à romaria do Bonfim em Natividade – TO. *Revista Tocantinense de Geografia*, v. 7, n. 13, p. 143-158, 28 nov. 2018.
- UNESCO. *Old City of Jerusalem and its Walls*. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/148/>. Acesso em 12 dez. 2017.
- ZALUAR, Amélia. (2007) "Construtores do imaginário": os arquitetos sem diploma. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 133-138.